

BUCÓLICAS

edição bilíngüe

Virgílio

BUCÓLICAS

edição bilíngüe

tradução e comentário
Raimundo Carvalho

em apêndice: tradução de
Odorico Mendes

Tessitura

Belo Horizonte
2005



Direitos desta edição:

Editora Crisálida

Av. Augusto de Lima, 233 slj 28 Centro
30190-000 Belo Horizonte MG Brasil

(31) 3222-4956

www.crisalida.com.br

editora@crisalida.com.br

Direitos da tradução: Raimundo Carvalho

Tiragem:

3.000 exemplares

Tradução e comentário:

Raimundo Carvalho

Revisão da tradução:

Daniel Gomes Bretas

Preparação de texto:

Oséias Silas Ferraz

Ilustrações:

Demóstenes Vargas

Capa:

Milton Fernandes Rocha Jr.

(sobre desenho de Demóstenes Vargas)

Virgilio (Publius Virgilius Maronis) (70-19 a.C.)

Bucólicas (edição bilíngüe). Tradução e comentário de Raimundo Carvalho (em apêndice: tradução de Odorico Mendes)

Belo Horizonte: Crisálida, 2005. 256 p.

1. poesia latina clássica (séc. I a.C.) 2. Virgilio (70-19 a.C.) 3. título

ISBN: 85-87961-13-6

Índice para catálogo sistemático:

CDU: 870.1 - Literatura latina clássica

SUMÁRIO

Apresentação	7
Bucolicae / Bucólicas	11
I	13
II	21
III	27
IV	41
V	47
VI	57
VII	65
VIII	73
IX	83
X	91
Glossário	97
<i>Bucólicas</i> de Virgílio: uma constelação de traduções	103
Apêndice 1: Tradução de Odorico Mendes	207
Apêndice 2: Écloga V em tradução de Bocage	249
Sobre os tradutores e o ilustrador	255

APRESENTAÇÃO

À memória de
Ivan Luís B. Mota, eterna presença

As *Bucólicas* compõem um delicado umbral que permite o acesso ao mundo mágico e complexo criado por Virgílio, imantado pela presença do mito e dos pastores-poetas, partindo de uma visão serena da realidade, mas, nem por isso, menos comprometida com os dramas e percalços do homem comum. A tradução que ora apresento quer fazer vibrar, outra vez, para os leitores de hoje “a força cantante”, na expressão de Valéry, dos poemas virgilianos. O ensaio que lhes segue tem o intuito tão só de partilhar com o leitor um pouco das alegrias e agruras do ato de traduzi-los.

Públio Virgílio Maro nasceu nos arredores de Mântua, às margens do rio Míncio, na Gália Cisalpina, no dia 15 de outubro do ano 70 (ou 71) a.C. Filho de proprietários rurais, Virgílio estudou gramática em Cremona, onde recebeu a toga viril, aos 15 anos. Transferiu-se para Milão e depois para Roma, onde aprendeu retórica, tendo por colegas Marco Antônio e Otaviano. Dizem os seus biógrafos que, em virtude de sua excessiva timidez, desviou-se da magistratura para dedicar-se à filosofia epicurista, que aprofundou em Nápoles, na escola de Siron.

Depois da morte de Júlio César, passa a residir em Roma e publica as *Bucólicas* (escritas entre 42 e 39 a.C.) e entra para o círculo literário de Mecenas. Incentivado por este, compõe, entre 37 e 30 a.C., as *Géorgicas*, com as quais obtém fama e os recursos necessários para se dedicar à composição do seu longo poema épico, a *Eneida*, sob os auspícios de Otaviano, agora Imperador Augusto.

No ano 19 a.C., empreende uma longa viagem de estudos à Grécia e à Ásia, com a finalidade de conhecer o cenário natural de boa da parte das ações descritas na *Eneida*, mas, em virtude de sua saúde precária, é instado pelo Imperador a retornar, quando este o encontra em Atenas. Reconduzido pelo Imperador e sua armada, desembarca no dia 21 de setembro do ano 19 a.C. em Brindisi para aí morrer.

De acordo com testemunhos da tradição, Virgílio, antes de partir para a Grécia, teria confiado o manuscrito inacabado da *Eneida* ao seu

amigo Vário, para que este o queimasse, caso uma fatalidade lhe sucedesse. Em seu leito de morte, suplicou que fosse cumprida a sua vontade, mas o Imperador não permitiu e confiou a Vário e Tuca a publicação do livro sem alteração alguma, mantendo mesmo os versos inconclusos.

Seu corpo foi levado a Nápoles e lá se encontra sepultado numa gruta até hoje conservada e visitada. Segundo, ainda, seus biógrafos, compôs ele próprio o seguinte epítáfio:

*Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope: cecini pascua, rura, duces.*

[Mântua gerou-me, encantou-me a Calábria, agora me tem
Parténope: cantei pastos, campos e generais.]

As três palavras finais do dístico são uma referência direta a cada uma das três obras canônicas do poeta. De origem campesina, Virgílio soube como nenhum outro aliar os valores autóctones da cultura romana às inovações introduzidas pelo contato com a cultura grega. Herdeiro literário de Catulo e Lucrécio, Virgílio privou da intimidade de Horácio, que a ele se referiu, na ode I, 3, em que pede o retorno feliz do amigo, como *animae dimidium meæ* (metade de minha alma).

Após a morte, a fama de Virgílio só cresceu. As muitas biografias atestam que esta fama derivou muitas vezes para o culto. Virgílio transformou-se em mago e protetor de parturientes, e a *Eneida* serviu de oráculo na resolução de problemas diversos. A quarta bucólica foi lida pelos santos Padres como uma profecia pagã da vinda de Cristo, e Dante, na *Divina Comédia*, toma-o como guia em sua viagem ao Inferno e Purgatório. Robert Ernest Curtius, em seu monumental *Cultura europeia e Idade Média latina*, afirmou que faltaria uma chave para a compreensão da tradição européia àquele que não soubesse de cor os cinco versos iniciais da primeira bucólica, poema com que se começava, no tempo de Goethe, o estudo da literatura latina.

Referência central no mundo antigo, a obra de Virgílio tem sido objeto de admiração e imitação por parte de grandes escritores de todos os tempos. Atendo-me às *Bucólicas*, basta pensar na Arcádia, nome de uma remota e agreste região da Grécia que Virgílio habitou de pastores, deuses, ninfas e sátiros, dando ao termo o sentido de uma paisagem ideal e simbólica e influenciando gerações de poetas como

Ronsard, Petrarca, Tasso, Garcilaso de la Vega, John Milton, Camões e Tomaz Antonio Gonzaga, dentre tantos outros. Apenas as *Bucólicas* já seriam suficientes para enquadrar Virgílio na categoria de inventor, não fosse ele o autor de outras duas obras magistrais. Além de um criador de formas e gêneros novos, Virgílio é também uma espécie de pai fundador. Seus poemas contêm uma síntese cultural do passado e se projetam em direção ao futuro. Muito da grandeza do Império Romano teve origem na prodigiosa imaginação do poeta que soube como poucos dialogar com os seus leitores, propondo-lhes um modelo elevado de ação, a partir dos valores mais puros da vida campestre.

Raimundo Carvalho





BUCÓLICAS

BVCOLICAE

I

Meliboeus:

Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi
 siluestrem tenui musam meditaris auena;
 nos patriae finis et dulcia linquimus arua;
 nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra,
 5 formosam resonare doces Amaryllida siluas.

Tityrus:

O Meliboee, deus nobis haec otia fecit:
 namque erit ille mihi semper deus; illius aram
 saepe tener nostris ab ouibus imbuet agnus.
 Ille meas errare boues, ut cernis, et ipsum
 10 ludere quae uellem calamo permisit agresti.

Meliboeus:

Non equidem inuideo, miror magis: undique totis
 usque adeo turbatur agris! En ipse capellas
 protinus aeger ago; hanc etiam uix, Tityre, duco:
 hic inter densas corylos modo namque gemellos,
 15 spem gregis, a! silice in nuda conixa reliquit.
 Saepe malum hoc nobis, si mens non laeuia fuisset,
 de caelo tactas memini praedicere quercus.
 Sed tamen iste deus qui sit, da, Tityre, nobis.

Melibeu:

- Mas partiremos, uns para a árida África
65 ou a Cízia, através das torrentes do Oaxe,
outros até os bretões isolados do mundo.
Algum dia, depois de longo tempo, a pátria
e meu pobre casebre entre a relva revendo,
com espanto verei no meu reino uma espiga?
70 Um ímpio militar possuirá estas glebas?
Um bárbaro a seara? Onde a guerra lançou
míseros cidadãos! Para outros semeamos!
Enxerta, Melibeu, a péra, apara as vides!
Ide, gado feliz outrora, ide, cabritas:
75 depois não vos verei, deitado em verde gruta,
longe, pendidas sobre um rochedo entre sarças;
eu não cantarei mais, nem guiando-vos, cabritas,
comereis o codesso e os salgueiros amargos.

Tíiro:

- Podes ficar, contudo, esta noite comigo
80 sobre o verde capim. Temos frutos macios,
castanha bem madura e queijo em abundância;
já fumegam ao longe as chaminés das casas,
e tombam da montanha umas tamanhas sombras.

SOBRE OS TRADUTORES E O ILUSTRADOR

Raimundo Carvalho nasceu em Pirapora (MG), em 1958. Graduou-se em Português/Latim pela UFMG. Publicou, dentre outros livros, *Conversa com o ciclope* (poemas), *Círculo universal*, (Dimensão, 2000). Premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil como “melhor livro informativo para criança” do ano), e *Murilo Mendes: o olhar vertical*, Edufes. É professor de Língua e Literatura Latina, desde 1993, na Universidade Federal do Espírito Santo.

Manuel Odorico Mendes nasceu em São Luís do Maranhão, em 1799, e morreu em Londres, em 1864. Estudou em Coimbra e fez carreira política. Traduziu a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero e toda a obra de Virgílio: em 1854 publicou a *Eneida brasileira*. Em 1858 acrescentou os outros dois poemas virgilianos e deu à edição o título *Virgílio brasileiro*. Sua produção poética autoral não obteve o reconhecimento da crítica, mas as suas traduções, superado um período de incompreensão e esquecimento, vem entusiasmando as novas gerações de tradutores brasileiros de Homero e Virgílio, que encontram nelas um manancial de lições válidas e inspiração para solução dos muitos problemas enfrentados no trabalho de poesia clássica.

Manuel Maria Barbosa du Bocage (Setúbal, 1765 - Lisboa, 1805). Autor de alguns dos melhores sonetos escritos em língua portuguesa, a recepção à sua vasta obra poética ainda é prejudicada pela excessiva atenção ao conteúdo satírico e/ou licencioso de poemas de ocasião. Traduziu com maestria poemas de autores latinos e outros escritores. A Crisálida prepara *Bocage tradutor*, edição que reúne algumas de suas traduções poéticas.

Demóstenes Vargas nasceu em Pirapora (MG), em 1959. Estudou artes plásticas na Escola Guinard e na Escola de Artes Plásticas de Varsóvia. Ilustrou livros infantis de Ziraldo, Manoel de Barros, Jorge Amado e Rubem Alves, etc., tendo obtido várias premiações como o “Prêmio Bloch Educação” (1996) e o Jabuti (1998).